

SAÚDE

Oito servidores do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia são demitidos, depois de auditoria que apontou fraude em licitações e superfaturamento de preços no hospital

Desvio de R\$ 200 milhões no Rio

Marcia Folleto/AG

A auditoria concluída pelo Ministério da Saúde de no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Into) mostrou que irregularidades como fraudes em licitações e superfaturamento de preços causaram um prejuízo de até R\$ 200 milhões à União. Oito servidores considerados corruptos foram punidos. Entre eles, dois ex-diretores do hospital.

Escortado pela Polícia Federal (PF), o ministro da Saúde, Humberto Costa, esteve no Rio ontem especialmente para divulgar os resultados das investigações. Tanto a PF quanto o Ministério da Saúde negam que Costa tenha sido alvo de ameaças ou atentados, como vem ocorrendo com o atual diretor do Into, Sérgio Côrtes. A proteção policial teria sido apenas preventiva.

Três auditores da Advocacia Geral da União (AGU) investigaram durante um ano e meio três mil processos datados de 1995 a 2002 e constataram ilegalidades como realização de licitações sem pesquisa de preços de mercado, dispensa da concorrência, utilização de pareceres jurídicos falsos e problemas na aquisição de material, equipamento e serviços. Graças à comprovação, algumas empresas tiveram de devolver cerca de R\$ 3 milhões.

Áreas estratégicas

Os envolvidos tinham cargos de chefia e eram responsáveis por áreas estratégicas. Foram demitidos: o ex-diretor Paulo César Rondinelli, que esteve à frente do Into de 1996 a 2001, e os servidores Luiz Carlos da Rocha, Carmem Pimenta, Lino Silva, Adir Soares e Júlio César Freitas.

Deusdeth Nascimento, diretor entre 2001 e 2002, foi suspenso por 90 dias por negligência. Sérgio Castilho, integrante de comissões especiais, terá a aposentadoria cassada. Apenas uma pessoa acabou inocenta-



O MINISTRO DA SAÚDE, HUMBERTO COSTA, QUE FOI AO RIO ANUNCIAR O RESULTADO DA AUDITORIA E AS DEMISSÕES, TEVE PROTEÇÃO DA POLÍCIA FEDERAL

da. A Polícia Federal já abriu diversos inquéritos para apurar os crimes.

O resultado do relatório foi encaminhado aos agentes e também ao Ministério Público Federal, para que os funcionários sejam punidos criminalmente. O ministro disse que eles agiram porque estavam certos da impunidade. "Tratava-se de um grupo organizado para a atividade criminosa, que tinha coordenadores, chefes e seus seguidores, que atuava de forma bastante articulada e que lesou de forma significativa o patrimônio público", afirmou Costa. "O que mais es-

panta é a ousadia, o que mostra a certeza da impunidade."

Agora, os auditores irão se voltar para indícios de fraudes em 32 obras realizadas no Into entre 1995 e 2003 e também no Hospital Estadual Anchieta, que utilizou recursos federais por conta de um convênio. Os auditores irão apurar ainda suspeitas de irregularidades em contratos e compras no Hospital Geral de Bonsucesso.

Ameaças

As denúncias surgiram quando o atual diretor do Into, Sérgio Côrtes, assumiu o posto, em setem-

bro de 2002. Ele levou as suspeitas ao ministério. Desde então já sofreu 15 ameaças e, há uma semana, teve o carro atingido por uma bala de fuzil.

Côrtes anda com proteção de dois agentes da PF. "Eu e minha família nos sentimos torturados a cada dia", disse. O diretor não acredita que as fraudes se concentrem em sua unidade. "Quero deixar claro que as pessoas afastadas não têm relação com as ameaças. O esquema é muito maior. Eles queriam que as investigações ficassem voltadas para o Into, para fazer uma cortina de fumaça."

Na gestão de Côrtes, o hospital se transformou no recordista de cirurgias ortopédicas de média e alta complexidade no país (antes ocupava o quinto lugar). Ele foi responsável ainda por uma economia de R\$ 15 milhões, no ano passado.

Humberto Costa disse que não é possível, do ponto de vista legal, a reversão do processo de municipalização dos hospitais do Rio que antes eram de administração federal, possibilidade aventada pelo prefeito reeleito César Maia (PFL). "O que se pode fazer é discutir uma forma de enfrentarmos em conjunto a crise."